



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **ENSINO DE PORTUGUÊS PARA CRIANÇA SURDA NA ESCOLA REGULAR: UM ESTUDO DE CASO**

Ana Carla Severo Andrade; Pascoal Eron Santos de Souza; Ricardo José Rocha Amorim

*Universidade do Estado da Bahia; [anacarla.pedagogia2012@gmail.com](mailto:anacarla.pedagogia2012@gmail.com); [pascoalsan@gmail.com](mailto:pascoalsan@gmail.com);  
[amorim.ricardo@gmail.com](mailto:amorim.ricardo@gmail.com)*

**Resumo:** Este artigo discute sobre o ensino de português escrito para surdos, abordando os desafios e dificuldades encontrados por professores e por familiares de uma criança com surdez envolvida neste tipo de processo educativo. O trabalho traz o resultado de um estudo de caso desenvolvido em torno do processo de ensino da língua portuguesa para um menino surdo de 11 anos, matriculado na rede pública de ensino de uma cidade do interior da Bahia. Além da criança, foram sujeitos da pesquisa sua mãe, uma professora da escola regular e uma professora que faz atendimento educacional especializado (AEE) na sala de recursos multifuncionais da escola. Os dados foram construídos ao longo do processo de observação participante e por meio de entrevistas. O estudo revela a importância da aprendizagem da língua brasileira de sinais – Libras, pelo sujeito surdo, como primeira língua, para tornar viável o aprendizado da escrita do português, que é uma segunda língua para ele. O uso de Libras pelos adultos que convivem com a criança, revela-se como fator essencial para o desenvolvimento escolar. Para que o surdo aprenda o português, não é suficiente frequentar aulas em uma escola regular, este estudo reafirma que é indispensável garantir a ele um atendimento especializado, para que barreiras linguísticas sejam superadas. Os resultados apontam que o domínio do português na modalidade escrita não pode ser tratado como algo menos importante ou como mera exigência escolar; precisa ser assumido pela escola que trabalha com surdos como um instrumento cultural indispensável para a vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Educação de surdos, ensino de português para surdos, Libras.

### **INTRODUÇÃO**

O processo de educação de surdos nas escolas comuns tem sido marcado por barreiras linguísticas que, sem o devido envolvimento da comunidade escolar, dificilmente são superadas pelo aluno com surdez. Práticas comunicativas entre ouvintes e surdos com uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas escolas, ainda é uma realidade distante de ser concretizada. Um número significativo de professores em formação inicial tem contato com temáticas relacionadas aos surdos ainda nos cursos de licenciatura, quando obrigatoriamente estudam Libras, mas, não conseguem desenvolver fluência nesta língua, visto que é um contato meramente introdutório que não possibilita um aprofundamento real de seu uso para fins de comunicação.

A pesquisa que deu origem a este trabalho surgiu a partir de alguns questionamentos provocados pelo contato com surdos no ambiente escolar: quando as crianças ouvintes são alfabetizadas, já tem uma experiência linguística como falantes da língua. O processo de alfabetização, por tanto, está associado ao



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

desenvolvimento de uma consciência fonológica e é baseado na pauta sonora, ou seja, na associação entre fonemas e grafemas. E a criança surda? Como aprende a escrever uma língua (o português) que os surdos, por sua especificidade sensorial, não falam?

Algumas respostas para estes questionamentos puderam ser encontradas a partir do estudo de um caso específico de uma criança surda matriculada na rede municipal de ensino de uma cidade de pequeno porte, localizada na região do semiárido no interior do estado da Bahia. A pesquisa desenvolvida buscou compreender de que forma acontece o ensino de língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua para uma criança surda, identificando os desafios e dificuldades encontrados pelos professores e pela família envolvidos neste processo educativo.

## **1 METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi desenvolvida como estudo de caso por se perceber que este enfoque pode revelar, nas entrelinhas de um contexto único, questões gerais relacionadas ao processo de educação de surdos, sobretudo aquelas diretamente ligadas ao processo de ensino do português nas escolas. As implicações apresentadas estão expostas a partir da relevância de algumas falas dos sujeitos envolvidos no estudo, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Neste artigo, os resultados da pesquisa são apresentados e analisados ao longo do texto, tentando articular as discussões teóricas, baseadas em literatura específica do problema em foco, com os dados empíricos construídos ao longo do desenvolvimento do próprio estudo de caso.

Fizeram parte do estudo, como sujeitos diretos da pesquisa, quatro participantes: um aluno surdo, a mãe do aluno surdo, a professora da escola regular e a professora que atua na sala de recursos multifuncionais. Visando a garantia do anonimato da identidade destes sujeitos, serão utilizados códigos e/ou nomes fictícios quando for necessário fazer referências a qualquer um deles ao longo deste artigo. Sendo assim, a criança surda, principal sujeito deste estudo de caso que, não participou de entrevistas, mas foi observada no ambiente escolar, será identificada como nome de João Pedro; a mãe da criança será indicada apenas pelo codinome “Mãe de J.P.”, a professora da criança surda será chamada de “Professora de J.P.”, e vamos nos referir à professora da sala de recursos multifuncionais como “Professora da S.R.”

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÃO**



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **2.1 Características dos sujeitos do estudo de caso**

João Pedro é um garoto surdo, de onze anos de idade, que vive com sua mãe e irmão ouvintes; é o único surdo de sua família. Estuda em uma escola pública de pequeno porte localizada em um município baiano. Até a última etapa de construção de dados para esta pesquisa, no ano de 2015, ele estava frequentando o quarto ano do ensino fundamental, em uma classe de trinta e cinco (35) alunos. Ele era o único aluno com surdez de toda a escola. As aulas aconteciam no turno matutino de segunda a quinta-feira. A sexta-feira estava reservada para planejamento escolar do corpo docente da instituição, os alunos não tinham aulas neste dia.

A mãe de J.P. é uma senhora com idade entre 35 e 40 anos, tem dois filhos, sendo João Pedro, o mais velho. Segundo o que foi constatado na pesquisa, ela não tem trabalho remunerado, porque acompanha o garoto, semanalmente, a Salvador-Bahia (distante cerca de 400 km do município onde reside), para fazer acompanhamento médico ou para estudar Libras em um centro especializado em educação de surdos da capital baiana. Ela também estuda Libras para contribuir com o desenvolvimento do filho.

A Professora de J.P. tem trinta e cinco anos de experiência e trabalha quarenta horas semanais, em turmas diferenciadas, sendo João Pedro o único aluno surdo com quem, até então, ela trabalhou em sua carreira. A professora não sabe Libras.

A Professora da S.R. possui um tempo de experiência menor do que a Professora de J.P. (10 anos). Tem conhecimento básico de Libras e é formada em Filosofia. Atua em uma sala de recursos da escola onde o estudo foi desenvolvido. João Pedro é atendido por ela duas vezes por semana.

## **2.2 O aprendizado de libras como primeira língua**

A Libras não é uma língua universal falada por todo e qualquer surdo. Há, pelo mundo inteiro, várias línguas de sinais. Dessa forma, ela é apenas uma dessas tantas línguas, como esclarece Gesser (2009, p.12): “nos Estados Unidos, os surdos ‘falam’ a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua brasileira de sinais, e assim por diante”.

A Língua Brasileira de Sinais possui um sistema linguístico de comunicação gestual-visual, com estrutura gramatical própria, sendo construída a partir de comunidades surdas de outros países (NASCIMENTO, 2006). Essa língua é



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

uma língua natural, que abrange regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias, assim como o português. É uma língua completa, com uma estrutura independente da língua portuguesa (GESSER, 2009).

Assim como as línguas orais são aprendidas em contextos sociais de interação entre os sujeitos, a Libras também precisa ser aprendida pelos surdos por meio da convivência com falantes desta língua. De acordo com os relatos da Mãe de J.P., “ele aprendeu Libras, quando começou a frequentar um instituto especializado em criança com necessidades educativas especiais, localizado em uma cidade vizinha ao município onde mora.” Inicialmente, segundo ela, os sinais utilizados por ele, eram sinais criados pelos próprios membros da família, para que, dessa forma, se comunicassem e compreendessem o que ele queria dizer. Depois do acompanhamento de João Pedro pelo referido instituto, iniciou-se o aprendizado de Libras por ele e por todos que fazem parte de sua família. Como passar do tempo, o desenvolvimento de João Pedro acerca da Libras foi se tornando mais significativo e mais complexo. Os gestos que antes eram criados aleatoriamente por ele e por sua família, passaram a ser substituídos por sinais de Libras. Desse modo, conforme os relatos da Mãe de J.P., o aprendizado de Libras envolveu toda a família, possibilitando que ele ampliasse suas possibilidades de interação com a comunidade e com o mundo que o cercam.

### **2.3 A educação bilíngue como modelo inacessível na escola de J.P.**

No modelo de educação bilíngue, proposto para a educação de surdos, defende-se que sejam aprendidas duas línguas: a língua de sinais como primeira língua, e, secundariamente, a língua do grupo ouvinte majoritário. Para que as influências mútuas possam fluir, o surdo deve ser exposto, o mais cedo possível, à língua de sinais, aprendendo a sinalizar tão rápido quanto à criança ouvinte aprende a falar. Ao sinalizar, desde cedo, a criança desenvolve mais plenamente sua competência linguística, que lhe servirá como suporte para aprender outras línguas (FERNANDES, 2008; QUADROS, 2007).

A proposta bilíngue compreende o sujeito surdo como ser integrante de duas realidades, como por exemplo, um estrangeiro em seu próprio país, onde vivencia ao mesmo tempo a realidade da língua materna, na qual tem sua visão de mundo construída e aprimorada, e a realidade de uma segunda língua, nesse caso o português escrito que é utilizada no cotidiano da comunidade a que pertence,

Quando uma instituição busca oferecer uma educação bilíngue, ela está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

fazer parte da realidade do espaço escolar, sendo que será definida a primeira língua e a segunda língua; nesse caso, a Libras passará a ser a primeira língua e a língua portuguesa será tomada como segunda. Neste sentido Quadros (2007) afirma que:

O fato de passar a ter contato com a língua portuguesa trazendo conceitos adquiridos na sua própria língua possibilitará um processo muito mais significativo. A leitura e a escrita podem passar a ter outro significado social se as crianças surdas se apropriarem da leitura e da escrita de sinais, isso potencializará a aquisição da leitura e da escrita do português (p.33).

O aluno surdo pode ser prejudicado pela falta de estímulos linguísticos adequados para o desenvolvimento do seu potencial cognitivo, socioafetivo, político e cultural, podendo ter perdas consideráveis no desenvolvimento.

O usuário João Pedro está inserido em escola regular sem professor intérprete, porém observo que o mesmo se encontra na 1º fase do desenvolvimento linguístico, e isso implica diretamente na necessidade urgente de ser reabilitado linguisticamente em LIBRAS, com aulas de L1 [primeira língua] e L2 [segunda língua] conforme a lei de inclusão e Lei da LDB. Sem a terapia e os atendimentos, João Pedro poderá desenvolver atraso na cognição e distúrbios emocionais (Professora da S.R.).

O ensino bilíngue defende a convivência compartilhada, desde os primeiros anos iniciais, tornando possível (re)construir novas formas de ensinar e aprender, adquirindo novos saberes e valores, compartilhando, dentro do mesmo espaço, interesses e necessidades. Segundo Silva (2008), uma educação bilíngue para surdos deve inserir em seu currículo a língua de sinais e a escrita da língua portuguesa como segunda língua em sua plenitude, juntamente com métodos de ensino que tenham características visuais e faça parte da cultura desses sujeitos.

Na educação de surdos, é crucial desenvolver as estratégias de ensino a partir de uma base visoespacial, já que os sons não têm significação para esses sujeitos. Em alguns momentos das aulas de João Pedro, esta perspectiva é realizada.

No regular comecei a trabalhar as letras o “E” maiúsculo e minúsculo, já sabem diferenciar. Eu comecei trabalhar com imagens de pessoas para que aquelas letras maiúsculas sejam utilizadas, aí eles descobriram que existem dois “e”, eles foram observando, passando a compreender que são dois (Professora de J.P.).

É importante destacar que o uso de algumas estratégias visuais nas aulas, não garante que o ensino seja bilíngue. Na verdade, a escola onde João Pedro está inserido não possui uma proposta bilíngue, isso ficou evidente nas observações



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

feitas durante visitas frequentes à escola. As metodologias e as aulas foram totalmente estruturadas para uma sala de ouvintes. Segundo a fala das professoras entrevistadas, uma das maiores dificuldades para se conseguir avanços na educação de surdos no município em que João Pedro estuda, é encontrar pessoas capacitadas para atuar nessa área, ou seja, intérpretes e professores de Libras. A Professora da S.R., por exemplo, não possui formação específica nessa língua.

#### **2.4 O Atendimento Educacional Especializado de J.P.**

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 estabelece, em seu capítulo V, Art.58, que a educação dos alunos com necessidades especiais, deve acontecer preferencialmente na rede regular de ensino e prevê o apoio especializado nas escolas regulares para atender as peculiaridades dos alunos surdos. O atendimento disponibilizado pelas escolas, por meio das salas de recursos multifuncionais, deve acontecer em horários que não coincidam com os horários em que a criança está frequentando aulas na escola regular.

O atendimento educacional especializado na escola de João Pedro é feito em uma destas salas de recursos. A profissional que trabalha naquele espaço atende, em horários específicos, alunos com diferentes deficiências e necessidades. O trabalho desenvolvido com João Pedro é voltado para a aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita.

É notória a empolgação de João Pedro, quando chega à sala de recursos. O aluno percebe que, naquele espaço, ele é compreendido e sua mãe participa de todas as aulas, para aprender e contribuir com sua aprendizagem. No entanto, há certa dificuldade na execução das atividades propostas para o aprendizado do português, como pontua a Professora da S.R,

Se eu focar só na questão da escrita para eles aprenderem, eles começam achar muito chato, tem vezes, que eles fazem assim (sinal com a cabeça que não aguentam mais) por que de manhã já copiam, para, de tarde, fazer a mesma coisa. Geralmente, eu coloco no computador, ou montamos um quebra-cabeça; mas, sempre utilizando o português [...] vou variando.

O ensino significativo da linguagem escrita, para além da mera reprodução pela cópia descontextualizada, ocupa ainda ínfimo lugar, se compararmos com sua importância no processo educativo da criança surda, pois em muitos casos, se revela como uma prática reducionista e mecânica que não valoriza uma função social clara. Ainda é comum práticas pedagógicas voltadas para o treino repetitivo com o traçado de letras ou com a repetição de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

sílabas, que se tornam para os surdos práticas sem sentido.

## **2.5 O aprendizado da escrita pelo surdo**

O surdo, ao ser matriculado na escola comum, geralmente não possui um conhecimento sistemático da Libras, o que dificulta a aquisição da língua portuguesa como uma segunda língua (FERNANDES, 2008). Neste sentido, é preciso criar oportunidades educacionais adequadas, utilizando o ensino simultâneo de ambas às línguas, ou seja, buscar aperfeiçoar sua primeira língua para que seja um facilitador da segunda. Trabalhar a aquisição da língua portuguesa com o surdo e utilizar, a todo o momento, recursos visuais nas estratégias de aprendizagem.

E preciso fazer atividades constantes para ver em que nível ele [o aluno surdo] está. Quando se trabalha com imagens eles aprendem, pois, eles utilizam a visão, agora eu não posso estar passando uma coisa que ele não sabe (Professora da S.R.).

Diante disso, é possível afirmar que não é a surdez que impedirá o processo de aprendizagem do português escrito pelo aluno surdo. No entanto, é preciso que esta aprendizagem seja fundamentada na primeira língua (Libras), dando a ele subsídios no processo de alfabetização.

A aquisição da escrita por João Pedro tem sido um processo lento, a professora tem que mostrar figuras e, em seguida, mostrar os sinais em Libras e a escrita em português. Muitos alunos surdos têm dificuldade no aprendizado, mas isso não significa que não possam aprender, por isso é importante que os alunos com surdez, aprendam primeiro a sua língua materna, ou seja, a Libras.

A leitura e a escrita para o aluno surdo, são a base para sua inserção no mundo letrado, ampliando seu potencial para interação social e para o processo de construção do conhecimento (PEREIRA, 2008; OLIVEIRA, 2007). A organização didática para o ensino de surdos, nas classes comuns ou no atendimento educacional especializado, implica o uso de muitas imagens e de todo tipo de referências visuais que possam contribuir com o aprendizado dos conteúdos trabalhados. O que torna esse aprendizado um desafio ainda maior, no caso de João Pedro, é a falta de pessoas com formação específica para trabalhar com a educação de surdos. A Mãe de J. P. vivencia essa problemática com frequência:



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Eu acho que o problema é na escola, porque...Tem professor que vai pedir explicação para ela (professora da sala de recursos), outras vezes, é a de recurso que vai, mas não ajuda muito, ele já andou em duas escolas diferentes. (Mãe de J. P.).

Para permitir às crianças surdas o domínio da língua, é fundamental que exista um ambiente de leitura e escrita, no qual a participação constante delas seja garantida, dessa forma, irão compartilhar a língua escrita como uma prática social. Ensinar uma língua escrita para quem desconhece a oralidade é um desafio para todos os professores com alunos surdos em suas turmas. As principais dificuldades não decorrem da surdez em si, mas da falta de conhecimento da língua portuguesa, o que dificulta o processo de aprendizado.

De certa forma, o ouvinte tem a voz, a fala, ele consegue absorver o som(...), Ele até vai falando as palavras, assim se você está trabalhando as sílabas, “ba, be, bi, bo e bu”.O ‘ba’ de bala, se eu disser qual sílaba começa a palavra bala, o ouvinte vai responder começa com Ba; já o surdo, mesmo que ele esteja vendo, é um processo para que eles assimilem, por que o dele é tudo visual.. Então existe essas questões. (Professora da S.R).

Superando esta perspectiva de aprendizagem pela silabação, Soares (2005) defende que a alfabetização ocorre por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, através de atividades de letramento, e esse, por sua vez, só se realiza, verdadeiramente, por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema. Cabe esclarecer que a apropriação da linguagem escrita ocorre, inicialmente, com um processo complexo de primeira ordem, momento em que os signos escritos identificam os sons e palavras da linguagem oral, que, por sua vez, representam os signos de objetos e relações reais (VYGOTSKY,1995).

Apesar das afirmações do parágrafo anterior fazerem pleno sentido em relação ao fenômeno da aprendizagem da escrita por crianças ouvintes, para os surdos, essa aprendizagem não tem relação nenhuma com a ideia de grafar fonemas a partir da oralidade. É indispensável que outras estratégias sejam encontradas. Tentar alfabetizar os sujeitos surdos como se alfabetizam os sujeitos ouvintes, tem sido um erro recorrente nas escolas desde quando este grupo de alunos começou a frequentar as instituições de ensino (NASCIMENTO, 2006; QUADROS, 2007).

A escola que não se prepara para atender alunos surdos acaba agindo de forma negativa no desenvolvimento dessa crianças, podendo então prejudicá-las. É interessante repensar os espaços da escola em suas várias dimensões, levando não só em consideração a inserção de novos métodos de ensino e aprendizagem, como também a qualificação de profissionais.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

É importante lembrar que, mesmo que não alcancem os mesmos resultados obtidos pelos alunos ouvintes num primeiro momento, os estudantes com surdez precisam participar sistematicamente de todas as aulas. O recomendado, no entanto, é que as aulas nas classes comuns sejam enriquecidas com elementos visuais. Sobre este aspecto, destaca uma das professoras de João Pedro:

O surdo não ouve o professor, teria que ter a imagem, para na hora que ele colocar lá no quadro o assunto, teria que ter uma imagem para representar, ou um cartaz. O desenvolvimento do surdo para ouvinte existe uma diferença. Porque o aluno surdo é tudo na visualização e libras (Professora da S.R.).

Dessa forma, infere-se que os professores são, constantemente, desafiados a tornar suas aulas significativas para todos os alunos. Há um ganho qualitativo quando a escrita começa a ter um significado simbólico de valor social para o sujeito surdo. Nesse momento, a criança passa a refletir sobre o que deve anotar, ela compreende que pode usar signos para escrever qualquer coisa, embora ainda não consiga fazê-lo plenamente. Peixoto (2006), ao estudar as interfaces entre a Libras e o português escrito, afirma que a diferença é que a língua de sinais constitui um apoio, um lugar de reflexão e de atribuição de sentido ao texto escrito o qual possibilita um diálogo entre os elementos e as características dos dois sistemas da língua.

Durante esse processo, é indispensável entender o que significa ensinar e aprender a escrever. Esse questionamento, muitas vezes, é esquecido pela maioria dos educadores, o que resulta, quase sempre, em práticas pedagógicas nas quais os alunos são submetidos a uma perspectiva de abandono e solidão. Os alunos devem ser sempre participantes ativos no processo de aprendizagem da linguagem escrita para sua formação como construtores de frases e textos, tornando-se capazes de interagir pela escrita em diferentes momentos de sua vida.

O caso de João Pedro possibilita perceber que essas dificuldades encontradas no processo de ensino do português para uma criança surda, não estão necessariamente relacionadas a deficiências do próprio aluno, mas às fragilidades da escola que não dá conta de qualificar adequadamente os profissionais para desenvolverem um trabalho pedagógico mais significativo, seja no aprendizado da língua escrita, seja na participação nos processos de construção do conhecimento. É preciso, desse modo, não só dirigir as atenções para os professores, em termos de cobranças, mas também para os setores públicos que se incumbem do gerenciamento das escolas, sobretudo nas redes públicas de ensino.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## CONSIDERAÇÕES

As discussões suscitadas ao longo deste estudo de caso permitem destacar que, ao ensinar português para uma criança surda, o professor não está apenas ensinando esse sujeito a ler e a escrever, está contribuindo para a construção de pontos norteadores indispensáveis para a significação da leitura e da escrita por esse aluno, ampliando suas possibilidades para a construção do conhecimento e seu pleno desenvolvimento. João Pedro, apesar de não ter dominado completamente a escrita do português durante a realização da pesquisa, demonstrou avanços qualitativos na sua relação com a escola e com a comunidade da qual faz parte.

Por outro lado, percebe-se a necessidade de reconhecer que o maior equívoco cometido no ensino da escrita para surdos é, de certo modo, utilizar estratégias baseadas na oralidade ou na reprodução mecânica de palavras, sem levar em conta a necessidade da escrita a partir de uma base visual, tornando-a significativa para o sujeito surdo. O domínio da língua portuguesa na modalidade escrita não pode ser tratado como algo menos importante ou como uma exigência da escola, mas precisa ser apresentado à criança como um instrumento cultural indispensável para a vida em sociedade.

Diante do exposto, é importante destacar que este estudo de caso não teve a pretensão de abordar todos os aspectos relacionados ao aprendizado da escrita do português pelo surdo, mas os recortes aqui abordados, construídos a partir da experiência concreta dos sujeitos desta pesquisa, abrem possibilidades para que outros estudos sejam desenvolvidos, buscando responder questões que possivelmente ficaram em aberto ou surgiram como resultado do próprio ato de pesquisar.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalho na graduação.** São Paulo: Atlas, 2007.

BAPTISTA, Claudio Roberto. Ação pedagógica e educação especial: sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 17, n. spe1, p. 59-76, Ago. 2011.

BARBOSA, José Geraldo Silveira. **Diversidade, deficiência e educação.** Revista Espaço. 2010.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 2010.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. (2005). **Educação escolar de pessoa com surdez: uma proposta inclusiva.** 2005. 121 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas – São Paulo.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

FALCÃO, Luis Allbérico Barbosa. **Educação de surdos: ensaios pedagógicos.** Recife: Ed. do Autor, 2012.

FERNANDES, E. **Surdez e bilingüismo.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 2009.

LEONTIEV, A.N.O Homem e a cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizontes, 1988.

MARCELINO, Marcello. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. **Revista Intercâmbio.** São Paulo: LAEL/PUC-SP. volume XIX: 1-22, 2009

NASCIMENTO, L. C. R. Um pouco mais da história da educação de surdos. **Educação Temática Digital,** Campinas, v.7, n.2, p.253-262, jun. 2006.

OLIVEIRA, João Batista Araujo. **Comissão de educação e cultura. Grupo de trabalho alfabetização infantil: os novos caminhos: relatório final.** 2.ed.Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.p.180 (Série ação parlamentar; n. 246).

PEIXOTO,R.C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedex,** 26, n. 69, 2006,pp205-29.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez Aquisição de linguagem e inclusão social.**2008.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação 1998.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico.** São Paulo: Repil, 2002.

QUADROS, Ronice Müller; PERLIN, Gladis. (org.). **Estudos surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

ROSA, Emiliania Faria. **Olhares sobre si:** a busca pelo fortalecimento das identidades surdas. Dissertação de Mestrado em Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

SÁ, Nídia Regina L. **Carta aberta ao MEC.** Salvador, 2007. Disponível em [www.eusurdo.ufba.br](http://www.eusurdo.ufba.br). Acessado em 06 de maio de 2016.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA,M.P.A. **A construção de sentimentos na escrita do surdo.** São Paulo: Plexus, 2001.

SKLIAR, Carlos B. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOARES, Magda. Letrar é mais que alfabetizar. In: **Nossa língua, nossa pátria.** Rio de Janeiro: **Jornal do Brasil,** 26/11/2005. Entrevista. Disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm> Acesso em: maio 2016.

VYGOTSKY,L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.